

# Avaliação Psicológica: Uso do livro na investigação de aspectos socioemocionais

## Psychological Assessment: Use of the book in investigating socio-emotional aspects

Lais Marlene Miranda Franca<sup>1</sup>; Roberta Cravo de Oliveira<sup>2</sup>; Raquel Donegá de Oliveira<sup>3</sup>; Nayara Mesquita Ribeiro<sup>4</sup>; Rebecca de Araújo Dias<sup>5</sup>; Mara Sizino da Victoria<sup>6</sup>

DOI: 10.51207/2179-4057.20240047

### Resumo

A Avaliação Psicológica Infantil (API) é um processo que demanda adequação ao público. A proposta deste artigo é contribuir com o trabalho do avaliador, apresentando um tutorial sobre o uso do livro “Ernesto”, de Blandina Franco e José Carlos Lollo (2016), como fonte complementar neste processo. A literatura infantil é um recurso lúdico que possibilita acessar o mundo vivencial por meio da coleta de dados subjetivos e objetivos, tais como aspectos socioemocionais, cognitivos e comportamentais. Para apresentar essa proposta, parte-se de uma breve revisão sobre a API, avançando para o constructo socioemocional. Em seguida, o tutorial se debruça sobre o texto literário, sugerindo procedimentos de pré-leitura, de leitura propriamente dita e de pós-leitura, a partir de categorias de definição, exploração e identificação dos elementos textuais verbais e não verbais da obra. Por fim, destaca-se a relevância de investigar procedimentos de API pertinentes às necessidades subjetivas da criança.

**Unitermos:** Técnicas de Avaliação. Metodologia de Avaliação. Psicologia Infantil. Literatura Infantil. Procedimento Diagnóstico.

### Summary

The Psychological Assessment of Children (PAC) is a process that demands adequacy to its public. The purpose of this article is to contribute to the assessor's task, presenting a tutorial on the use of the book “Ernesto”, by Blandina Franco and José Carlos Lollo (2016), as a complementary source in this process. Children's literature is a playful resource that enables access to the experiential world through the gathering of subjective and objective data, such as socio-emotional, cognitive and behavioral aspects. To present this proposal, it starts from a brief review about PAC, progressing to the socio-emotional construct. Next, the tutorial focuses on the literary text, suggesting pre-reading, reading itself and post-reading procedures, stem from definition categories, exploration and identification of verbal and non-verbal textual elements of the work. At last, it highlights the relevance of the investigation of PAC procedures concerning children's subjective necessities.

**Keywords:** Assessment Techniques. Assessment Methodology. Child Psychology. Children's Literature. Diagnosis Procedure.

Trabalho realizado na Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras, RJ.

Conflito de interesses: As autoras declaram não haver.

**1.** Lais Marlene Miranda Franca - Graduada em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras, RJ, Brasil. **2.** Roberta Cravo de Oliveira - Graduada em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras, RJ, Brasil. **3.** Raquel Donegá de Oliveira - Mestranda em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (HCTE/UFRJ); Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Letras (UNIB) e Pedagogia (UNINTER); Especialista em Língua Portuguesa (PUC-SP), Neuropsicopedagogia e Educação Especial (UNIFAVENI), Macaé, RJ, Brasil. **4.** Nayara Mesquita Ribeiro - Graduada em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras, RJ, Brasil. **5.** Rebecca de Araújo Dias - Graduada em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras, RJ, Brasil. **6.** Mara Sizino da Victoria - Doutora em Saúde Mental (IPUB/UFRJ); Professora adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF), campus Rio das Ostras, Departamento de Psicologia, Rio das Ostras, RJ, Brasil.

## Introdução

O presente estudo tem por objetivo apresentar uma proposta tutorial de uso do livro infantil “Ernesto”, de Blandina Franco e José Carlos Lollo (2016), como recurso complementar no processo de avaliação psicológica em crianças com demanda de investigação de aspectos socioemocionais. Observou-se uma lacuna no campo da Avaliação Psicológica Infantil (API) sobre a inserção deste recurso na prática, verificada pela escassez deste assunto na literatura da área (Mansur-Alves et al., 2021; Lins et al., 2018). De uma forma mais ampla, propõe-se dar visibilidade ao livro literário como proposta lúdica na clínica com crianças e como fonte de coleta de dados do mundo vivencial infantil na prática psicológica. Com isso, espera-se instrumentalizar profissionais de Psicologia para o uso deste recurso.

Para dar início à discussão, o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2022a), segundo Resolução CFP nº 31/2022, define Avaliação Psicológica (AP) como um processo ético, técnico e científico, em que, por meio da utilização de instrumentos e técnicas reconhecidas pela literatura científica (fontes fundamentais) ou, a depender do contexto, por meio de recursos auxiliares (fontes complementares), são investigados fenômenos e processos psicológicos a fim de formular uma resposta à demanda. A solicitação pode surgir a partir do próprio avaliando ou por terceiros, como frequentemente ocorre no caso da API em que os responsáveis, professores ou cuidadores são os solicitantes. Ainda, tem por objetivo, auxiliar na tomada de decisões, a partir das informações obtidas, podendo ser de natureza individual, grupal ou institucional. A resolução, também, estabelece a proteção aos direitos humanos e a necessidade de seguir os princípios previstos no Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005). O Conselho estabelece que

[...] dependendo dos objetivos da avaliação psicológica, a compreensão poderá abranger aspectos psicológicos de naturezas distintas. É importante notar que a qualidade do conhecimento alcançado depende da escolha de instrumentos/

estratégias que maximizem a qualidade do processo de Avaliação Psicológica, além de sustentações teóricas que qualifiquem métodos e processos. Portanto, a testagem compõe a avaliação psicológica, e esta, por ser mais abrangente, poderá fornecer respostas mais amplas sobre um conjunto de informações do indivíduo avaliado. (CFP, 2022b, p. 13)

Dessa forma, com o intuito de realizar uma avaliação psicológica e levantar os dados exigidos, a psicóloga deve seguir algumas etapas. Primeiramente, durante a entrevista inicial, deve-se elaborar o objetivo da avaliação, tendo em vista a demanda recebida e a caracterização do objeto de estudo (indivíduo, grupo ou organização). Nesta etapa, é possível estabelecer a metodologia a ser utilizada e, em seguida, é realizada a coleta de dados. Vale ressaltar, a importância de não focar em apenas uma técnica ou instrumento, mas utilizar diferentes meios, a fim de abranger o objetivo estabelecido. Realiza-se, então, a integralização dos dados e desenvolve-se uma hipótese inicial, na qual se pode identificar a necessidade de utilizar outros recursos avaliativos.

A partir desse feito, é elaborada uma síntese conclusiva do processo avaliativo, estabelecida uma proposta de intervenção e uma metodologia é escolhida para a devolutiva dos resultados, respeitando os princípios éticos como mencionado anteriormente. Por fim, deve-se elaborar um documento, de acordo com as diretrizes estabelecidas na Resolução nº 31/2022, resultante da avaliação a ser entregue à pessoa, ao grupo ou à instituição que realizou a demanda (CFP, 2022a). Na API, essa última etapa é realizada durante uma entrevista devolutiva, sendo, legalmente, destinada aos responsáveis, mas é importante também que o avaliando tenha ciência do resultado e das orientações a serem seguidas, devendo-se adequar a linguagem à criança (Roza et al., 2022).

A AP pode ser realizada em diversos contextos como na psicologia organizacional, do trânsito, para a realização de cirurgias e procedimentos (bariátrica, laqueadura e outras), contexto jurídico, etc. Neste estudo, temos por foco o processo avaliativo na infância, que surge a partir de algumas demandas, entre elas buscar um diagnóstico,

compreender uma problemática ou prevenir condições futuras que podem aparecer ao longo do desenvolvimento (Borges & Baptista, 2018).

Ainda, vale ressaltar a necessidade de se fazer contínuos estudos acerca desse contexto, tendo em vista a crescente demanda por esse serviço psicológico e a complexidade que esse atendimento exige. A exemplo disso, na Cartilha de Avaliação Psicológica (CFP, 2022b) não há nenhum tópico que cite as particularidades encontradas na API. Torna-se necessário, então, ao profissional que irá realizar a avaliação, ter conhecimento dos estágios de desenvolvimento desde a primeira infância, além de observar os aspectos físicos, motores, cognitivos, emocionais e sociais, da linguagem, da identidade e as suas relações familiares que circundam a formação subjetiva da criança (Borges & Baptista, 2018).

O processo da AP deve seguir as diretrizes estabelecidas na Resolução CFP nº 31/2022; ainda, para além dessas etapas, para a realização da API, a psicóloga deve considerar alguns elementos específicos, como apontados por Roza et al. (2022). Primeiramente, o atendimento deve ter a autorização de um responsável legal e apenas o estritamente necessário deve ser comunicado a eles, de modo a se respeitar o sigilo e a confidencialidade daqueles que são atendidos (CFP, 2005). Outro elemento essencial é ter conhecimento das etapas do desenvolvimento infantil e das psicopatologias infantis: “[...] é elementar entender quais comportamentos são esperados para cada idade, a fim de ser capaz de distinguir o nível de desenvolvimento da criança atendida e conseguir detectar quais são as suas alterações, as suas potencialidades e os seus déficits” (Roza et al., 2022, p. 350).

O contexto infantil deve ser observado a partir das relações que entrelaçam a criança com o seu mundo vivencial, como no ambiente escolar e familiar. Tendo isso em vista, é de suma importância realizar entrevistas com familiares, cuidadores e professores e ter contato com outros profissionais que fazem acompanhamento com a criança. O caráter preventivo da API é outro elemento que deve ser pensado ao realizar um atendimento, pois é a partir da avaliação que é possível identificar

comportamentos que podem dificultar a qualidade de vida da criança futuramente (Roza et al., 2022).

Diferentemente da avaliação psicológica em adultos, com as crianças, o atendimento é mediado por um terceiro, por seus responsáveis legais, pois o avaliado pode não ter ciência da necessidade de acompanhamento. Além disso, ao realizar a avaliação deve se atentar ao *setting* avaliativo, ou seja, o espaço deve ser preparado a fim de receber crianças, por meio da disponibilização de jogos, lápis de cor, papel, massa de modelar, brinquedos, entre outros (Borges & Baptista, 2018). Vale ressaltar a importância de se atentar às etapas que constituem o processo de AP, a entrevista inicial e devolutiva. Por fim, é imprescindível a entrada do profissional no universo infantil, a fim de conseguir trabalhar com a criança “é preciso querer olhar pela perspectiva infantil e ter disponibilidade interna para estar realmente acessível à criança durante todo o processo” (Roza et al., 2022, p. 373).

Tendo em vista as etapas e especificidades da Avaliação Psicológica Infantil (API), e ainda segundo as diretrizes estabelecidas na Resolução nº 31/2022, ao realizar uma AP utilizam-se métodos, técnicas e instrumentos psicológicos reconhecidos pela literatura científica, que podem ser testes psicológicos aprovados pelo CFP, entrevistas psicológicas e anamnese e/ou registros de observação de comportamentos, as chamadas fontes fundamentais. No entanto, dependendo da situação, pode recorrer aos recursos auxiliares, denominados fontes complementares, sendo elas técnicas e instrumentos não psicológicos que possuem embasamento científico, respeitam o Código de Ética e as legislações da profissão e, também, documentos técnicos de equipes multiprofissionais (CFP, 2022a). Ainda que o laudo psicológico se ampare nas fontes fundamentais, as fontes complementares podem ser utilizadas como auxílio na verificação da hipótese diagnóstica e na devolutiva sobre o processo.

Podemos, a partir disso, pensar no uso da literatura infantil como recurso complementar no processo de Avaliação Psicológica. Os meios lúdicos podem se destacar através das narrativas como uma forma de conexão entre a realidade objetiva e o

mundo simbólico, sensibilizando a criança em suas próprias vivências. É válido ressaltar que não há confusão entre o real do mundo e o surrealismo dos contos, uma vez que a criança concebe que as narrativas apenas se articulam à sua realidade psíquica. Sendo assim, pensar nesse uso da literatura infantil é pensar também na contribuição com a expressão emocional e conflitiva do indivíduo através de uma linguagem acessível à criança (Oliveira et al., 2023).

No ambiente clínico, o livro pode ser utilizado de modo terapêutico através de uma contação de histórias ou pela leitura compartilhada. Assim, com o apoio das narrativas, pode-se ampliar o repertório da criança, experimentando situações lúdicas que favorecem o enfrentamento da realidade externa e subjetiva. A relação das narrativas com as hipóteses diagnosticadas da API vem acompanhada da compreensão de que o seu uso é parte do processo avaliativo e, por isso, considerado como uma fonte complementar. Sempre que possível, a avaliação deve ser realizada de maneira interdisciplinar, atentando-se à pluralidade de contribuições do uso da literatura e sem deixar-se cair em limitações e déficits provenientes de diagnósticos fechados (Oliveira et al., 2023).

No contexto psicopedagógico e clínico infantil, queixas relativas à falta de regulação socioemocional têm se mostrado frequentes (Silva & Rodrigues, 2014; Fava et al., 2023). Ao mesmo tempo, partindo do pressuposto de que o encaminhamento ao atendimento de Avaliação Psicológica Infantil é recorrentemente realizado a partir de relatos escolares, é preciso contextualizar este processo e suas funções na busca de um encaminhamento para a demanda inicial.

A definição do constructo socioemocional é ampla e abrange um conjunto de habilidades e competências que engloba tanto as relações interpessoais quanto a relação do indivíduo com suas próprias emoções. Os elementos que compõem tal conceito tendem a variar consideravelmente na literatura científica e, a depender da área de atuação e objetivo da pesquisa, pode aparecer associado ao conceito dos aspectos emocional ou social, ou, ainda, se apresentar como “habilidades socioemocionais”,

“competências socioemocionais” e “desenvolvimento socioemocional” (Marin et al., 2017).

O *Collaborative for Academic, Social and Emotional Learning* (CASEL), pioneiro no uso do termo “Aprendizagem Socioemocional”, divide tal conceito em cinco categorias: autoconhecimento, autorregulação, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisões responsáveis (CASEL, 2018). No Brasil, o Projeto Semente, desenvolvido pelo grupo Semente Educação, adota as mesmas diretrizes para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais. A Bateria Semente de Avaliação de Habilidades Socioemocionais é a primeira no país a incorporar todos os conteúdos propostos pelo CASEL e tem demonstrado sucesso em sua aplicação no contexto brasileiro (Damásio, 2017). Portanto, a utilização do sistema criado pelo CASEL para definir o socioemocional é relevante, visto que é empregado como base pelo Ministério da Educação nas proposições de práticas baseada nos pressupostos da Base Nacional Comum Curricular (2021).

Considerando a amplitude do conceito e o objetivo do presente estudo, é importante estabelecer os principais tópicos pertinentes à API aplicáveis a contextos psicoterápicos e escolares. Com base no material selecionado para esse estudo e nas proposições do CASEL, delimitou-se o termo “socioemocional” abordando os seguintes tópicos: autoestima e autopercepção (autoconhecimento); agressividade, depressão, estresse e ansiedade (autorregulação); capacidade de ajustar o comportamento frente ao contexto social (consciência social); e dificuldade em fazer vínculos sociais (habilidades de relacionamento).

Embora seja comum utilizar o termo aprendizagem ao se tratar do socioemocional (CASEL, 2018; Laboratório de Inteligência da Vida, n.d.; OCDE, 2015; Escola da Inteligência, 2023), nesse estudo, o foco é ampliar essa abordagem. Desse modo, espera-se compreender as manifestações sociais e emocionais, mobilizando modos de sentir, ser e estar e não a adequação e o ajustamento aos padrões através do desenvolvimento de competências socioemocionais. Essa escolha se baseia na

necessidade de enfrentar conflitos decorrentes da dificuldade em gerir emoções, relacionar-se, tomar decisões responsáveis entre outras áreas.

Mediante o exposto, esta pesquisa visa apresentar uma proposta de uso do livro infantil “Ernesto” como recurso no processo de Avaliação Psicológica Infantil, para dessa forma, auxiliar nas investigações dos aspectos socioemocionais e seus possíveis desdobramentos.

## Método

### Material

“Ernesto” é um livro classificado como ficção e está inserido no grupo de literatura infantil e infanto-juvenil. Foi originalmente publicado em 2016, pela Companhia das Letrinhas, sendo de autoria de Blandina Franco e José Carlos Lollo. Segundo a página virtual da editora, o livro, que tem 40 páginas, é indicado para crianças de 4 a 5 anos, no entanto, na descrição do livro virtual (Kindle), a faixa etária é de 3 a 6 anos. O livro fez parte do Programa Nacional de Livros e Material Didático - 2018 (PNLD Literário, 2018), na categoria 4, que abrange os Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 3º ano), no tema “Descoberta de si/ família, amigos e escola” e no gênero “livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos”, destaca-se que aqui a faixa etária é de 6 a 8 anos e que se pode consultar o material do professor sobre como abordar o livro em contextos escolares (Garimpo Miúdo, 2016).

Ernesto é apresentado reiteradamente como um sujeito vítima de exclusão - com destaque para a palavra vítima. A editora anuncia o livro a partir do seguinte texto: “O Ernesto é vítima de um verdadeiro disse-que-me-disse. Alguns acham que ele não é muito simpático, outros acham que ele se veste mal. E, no meio desses boatos todos, Ernesto acaba ficando sozinho, só porque ninguém consegue entendê-lo” (Companhia das Letras, 2022).

No site, o trecho abaixo completa o anterior:

Às vezes as pessoas dizem coisas sobre as outras sem nem saber direito o que estão dizendo. É o que acontece na vida do Ernesto: ninguém gosta dele, só porque ele não é igual a todo mundo.

Nesta história você vai ver o que faz dele tão diferente e pensar: será que ele merece mesmo toda essa solidão? (Companhia das Letras, 2022) Na contracapa do livro é possível ler a descrição convidativa para o livro:

Dizem que este livro é esquisito, que ele tem a capa feia e que é melhor você não ler. Dizem que essa história é mentirosa, e que seu protagonista não é grande coisa. Eu não li ainda, mas todo mundo está falando coisas deste livro, então não vou ler e acho melhor você ficar longe dele também. O que você acha? (Franco & Lollo, 2016)

É preciso destacar os adjetivos que caracterizam o personagem: vítima, (não) simpático, se veste mal, sozinho, (não é) grande coisa, (não é igual) diferente. É válido dizer que até mesmo a contracapa do livro dá indicações de que o conteúdo pode ser incômodo, “esquisito” e que é melhor não ler. Mas infere-se que a estratégia de dizer “não faça” foi usada para convidar à leitura.

Na capa, o nome do personagem se destaca em letras bastão na cor vermelho. O personagem aparece abaixo, mas apenas metade do seu “corpo”. Nessa ilustração, Ernesto é um borrão roxo que não aparece inteiro na capa, com um centro preto - que pode ser identificado como sua cabeça - e olhos brancos esbugalhados e um enorme nariz laranja. O livro tem poucos elementos na composição das ilustrações e o fundo da capa é em um tom bege, fator que destaca o personagem e o título. Possui narrador onipresente, assim, o personagem Ernesto não fala, mas se expressa por meio do corpo e das expressões faciais.

Diante das considerações acerca da relevância do uso da literatura infantil na API, destaca-se a necessidade de escolher adequadamente o momento de uso deste recurso. O manejo dos aspectos socioemocionais demanda que o espaço clínico e o vínculo entre profissional e criança já estejam estruturados e bem estabelecidos (Roza et al., 2022), por se tratar de um livro com conteúdo muito sensível. Este tutorial divide-se em três momentos: a pré-leitura, a leitura propriamente dita e a pós-leitura.

## Procedimento

O tutorial foi composto pela articulação das áreas de psicologia, pedagogia e literatura a partir do livro “Ernesto”. Por isso, a abordagem tem as seguintes etapas: 1) leitura investigativa do livro; 2) análise conjunta de textos verbais e não verbais; 3) produção de lista de adjetivos relativos ao personagem; 4) exploração de recursos dialógicos do livro, como perguntas, interação autor-leitor e conteúdo implícito; 5) divisão do processo avaliativo em pré-leitura, leitura e pós-leitura; 6) elaboração de categorias de análise; 7) montagem do tutorial.

Foi realizada uma revisão extensiva da literatura para identificar os principais domínios de comportamento socioemocional infantil relevantes para a avaliação psicológica conforme abordado anteriormente. Esses domínios foram utilizados como base para a elaboração dos itens do tutorial e para a elaboração de três categorias de abordagem relacionados aos domínios cognitivos de compreensão textual e leitura. Cada item foi formulado de forma clara e objetiva, mas considera respostas subjetivas da criança, que deverão ser avaliadas no contexto e com base nas habilidades e competências socioemocionais exploradas.

As categorias foram estabelecidas procurando abarcar aspectos sociais, culturais, afetivos, pedagógicos e cognitivos emergentes durante a API. Nesse sentido, todos os aspectos relacionam-se às habilidades leitoras, partindo de pressupostos como as etapas de pré-leitura, leitura e pós-leitura, propostas por Solé (2014). Destaca-se que nessa perspectiva, por se tratar de um processo dinâmico e interativo, é preciso motivar a participação ativa dos leitores na construção do significado, recuperando conhecimentos prévios, mobilizando a compreensão contextualizada e promovendo o envolvimento emocional. Além disso, as contribuições de Ferreiro e Teberosky (1999) são essenciais para avançar na compreensão da construção de sentidos, das fases de desenvolvimento e da interação social. Ainda, recorreremos à Salvia et al. (2009) que tratam mais especificamente da avaliação de habilidades de leituras no contexto da educação especial e dos testes diagnósticos relacionados à leitura, dentre as quais as formas de compreensão literal, inferencial, auditiva, crítica, lexical e afetiva.

A abordagem considera as categorias de I) definição (D), na qual se avaliam aspectos mais objetivos e explícitos; II) exploração (E), em que se avança sobre como a criança explora o conteúdo, se concorda ou discorda, e como ela se posiciona diante do exposto; III) identificação (I), através da qual é possível avaliar como a criança relaciona suas próprias características e conhecimentos de mundo com as apresentadas em “Ernesto”; e, por fim, IV) outros recursos (OR), em que se sugere a exploração de imagens, analisando a linguagem não verbal e os elementos que podem estar implícitos ou ficar subentendidos na narrativa. Indica-se ainda, quando necessário ação sugerida (A). Destaca-se que as categorias podem ser apresentadas em ordens diversas, baseadas nos percursos leitores mais comuns, mas na abordagem, podem também ser reorganizadas.

## Resultados

A *pré-leitura* foca na manipulação do livro e no preparo para a interação.

### a) Interação com o material

A: Mostrar o livro e permitir que a criança o manuseie, em caso de negativa, explicar sobre o material e sua função.

D: Você sabe o que é isso? Você quer ler, gostaria que lêssemos juntos ou quer que eu leia?

E: Ele é pesado ou leve? Você gosta desse papel? Pode me contar o que você sabe sobre livros e se já leu algum?

I: Tem algum livro que você já leu e que gostou muito? Você gosta do que vê nesse livro?

OR: Sobre o que você acha que é essa história?

### b) Investigação da capa

A: Pedir que a criança leia ou ler o nome do livro e dos autores para ela. Apontar para o texto, quando for preciso.

D: Você sabe onde está o título do livro? Sabe de quem são esses nomes aqui?

E: Você conhece alguma dessas letras?

I: Tem alguma dessas letras no seu nome?

OR: Como você acha que é o Ernesto? O que parece isso aqui? E isso aqui, o que é isso? Você consegue me dizer o nome das cores que estamos vendo?

- c) Leitura do resumo da história na contracapa  
 A: Virar o livro junto com a criança e mostrar.  
 I: Você sabe porque tem um texto aqui nessa parte? Quer que eu leia pra você? Quer ler junto comigo? Você quer ler?  
 E: Você ficou com vontade de ler a história?

Na *leitura propriamente dita*, o livro passa a ser explorado como um recurso literário e linguístico. É preciso destacar que a criança pode não ser capaz de fazer a leitura, sugerindo-se a leitura compartilhada, considerada aqui como a leitura feita verbalmente pelo adulto, mas com contribuições da criança a partir dos elementos não verbais (Oliveira et al., 2023). Os tópicos a seguir fazem menção a uma palavra que represente a temática da página. Aqueles que não estiverem representados por meio de uma figura (como porta no exemplo a), estão representados por meio do texto verbal.

- a) Página 3 - Porta  
 D: O que é isso? Ela está aberta ou fechada?  
 E: Quem será que abriu a porta? O que será que tem lá dentro?  
 I: Você já consegue abrir as portas sozinho? Quando é necessário fechar a porta? Há portas que você gosta de deixar abertas?  
 OR: Você acha que o Ernesto está entrando ou saindo?
- b) Páginas 4-5 - Calado: “Dizem que o Ernesto é muito calado. Que ele tem a língua enrolada e não sabe falar direto com as pessoas” (Franco & Lollo, 2016, pp. 4-5) - Este trecho é uma referência ao livro, mas não será apresentado nos próximos exemplos.  
 D: O que é ser calado?  
 E: Você acha que o Ernesto é assim? Por quê? Como é ser calado?  
 I: O que essa característica tem a ver com você? Você é como o Ernesto? Já teve momentos calados? Como se sentiu? Como você se sente quando precisa ficar calado? Você conhece pessoas que ficam caladas? Pode me falar sobre como se sente com elas?  
 A: Apontar para o braço.  
 OR: O que indica essa mão dele levantada? O que você acha que a expressão dele quer dizer? Como será que ele está se sentindo?

- c) Páginas 6-7 - Feio  
 D: O que é ser feio? Sabe qual é o contrário de ser feio?  
 E: Você acha que ele é feio e tem a cara torta? Por quê? Como é ser feio?  
 A: Apontar para o espelho e destacar sua presença, perguntando o que ele está segurando e qual a sua função.  
 I: Como você se sente olhando o Ernesto agora? Em que momentos você se olha no espelho? Como você se sente? Já chamou alguém de feio?  
 OR: Explorar a palavra MEDO. Por que as pessoas têm medo do Ernesto?
- d) Páginas 8-9 - Diferente  
 D: Você sabe o que significa diferente? Se não é diferente, é o que?  
 E: Você acha que ele é diferente mesmo? Por quê? Como é ser diferente? Ele é diferente de quem(m)?  
 I: Você já se sentiu diferente também? Pode me contar alguma situação em que se sentiu diferente? Como você se sentiu?  
 OR: Como você acha que o Ernesto está se sentindo? Por que você acha que ele se sente assim? Como você percebeu que ele se sente assim? O que parece ser isso nas costas dele?
- e) Páginas 10-11 - Burro  
 D: Você já ouviu essa palavra ‘burro’? O que ela quer dizer? Já ouviu alguém falar essa palavra?  
 E: Você acha que ele é burro? Por quê? Como é ser burro?  
 I: Você já se sentiu burro? Em que situação isso aconteceu? Alguém já te chamou de burro?  
 OR: Dá para saber se o Ernesto é burro só olhando pra ele? Quem será que é esse outro personagem que apareceu? O que você acha dele? O que será que ele está falando pro Ernesto?
- f) Páginas 12-13 - Bobo  
 D: O que bobo quer dizer? Tem algo no Ernesto que faça ele parecer bobo? O quê?  
 E: Você acha que ele é bobo? Por quê?  
 I: Alguém já te chamou de bobo? Você já se sentiu bobo em alguma situação? Você já viu alguém sendo bobo? Já chamou alguém de bobo?  
 OR: Explorar a palavra AGRADAR. Como você

acha que o Ernesto está se sentindo? Por que você acha isso? Explorar a CAIXA. O que será que tem dentro daquela caixa? Será que o Ernesto a ganhou ou vai dar para alguém? Se a caixa fosse pra você, o que você gostaria que tivesse dentro?

g) Páginas 14-15 - Esquisito

D: Muitas vezes nos sentimos “esquisitos”, você sabe o que significa essa palavra?

E: Você acha o Ernesto “esquisito”? Por quê? O que significa dizer que alguém é esquisito? É a mesma coisa ser esquisito e estar esquisito?

I: Você lembra alguma situação que se sentiu esquisito?

OR: Quem é esse personagem ao lado do Ernesto? O que eles estão fazendo? Como você acha que o Ernesto está se sentindo?

h) Páginas 16-17 - Egoísta

D: Você já ouviu a palavra egoísta? Você sabe o que é ser egoísta?

E: Você acha que o Ernesto fez alguma coisa que faça ele parecer egoísta? Por que você acha que o chamaram assim?

I: Você já foi chamado de egoísta? Conhece alguém que já foi chamado assim? O que aconteceu para que essa palavra fosse usada?

OR: O que ele está fazendo? Por que será que ele está de costas?

i) Páginas 18-19 - Todo Mundo

D: Quem você acha que é todo mundo nessa história?

E: Você se lembra de alguma coisa que falaram pra ele?

A: Explorar a memória sobre os termos que caracterizam Ernesto nas páginas anteriores.

I: Que coisas falam sobre você na escola? E em casa? Disseram que o Ernesto é bobo, calado, esquisito, egoísta, feio, diferente e burro, você conhece alguém assim? E alguém já falou algo assim sobre você? Vamos tentar escrever as coisas que já falaram sobre você que você (não) gostou?

j) Páginas 19-20 - Sozinho e Triste

D: Você sabe o que significa ficar triste? E ficar sozinho, como se fica sozinho?

E: Dá pra perceber que o Ernesto ficou triste? Ele ficou sozinho onde? Por que você acha que o Ernesto vive sozinho e triste?

I: Em que situações você costuma se sentir triste? Você prefere ficar sozinho ou com alguém quando está triste? Alguém costuma ficar com você quando se sente assim? Quando você está sozinho, o que costuma fazer? Como se sente?

OR: Explorar a PORTA, a repetição “MUITO, MUITO” e as gotículas. Para onde essa porta pode estar levando o Ernesto? Ele está entrando ou saindo de algum lugar? O que são esses riscos azuis?

k) Páginas 22-23 - Fim

D: Como está se sentindo com o fim da história?

E: Onde será que o Ernesto está? O que aconteceu com a porta nessa parte da história?

I: Se essa porta fosse aqui, para onde você gostaria que ela fosse? Como você iria? Sozinho ou levaria alguém? Quem?

OR: Explorar a ampliação da quantidade de gotículas, pode-se inclusive comparar visualmente as duas páginas.

l) Páginas 24-25 - Pergunta: “Não gostou do final da história?” (Franco & Lollo, 2016, p. 25).

D: Aguardar a resposta da criança ao questionamento do texto.

E: Explorar a resposta. O que Ernesto está fazendo? Para onde ele está indo? Como você acha que o Ernesto está se sentindo nesse momento?

I: Você já se sentiu como o Ernesto está agora? Quando você está assim, você faz a mesma coisa que o Ernesto está fazendo? Ou, que coisas você faz?

OR: Explorar as expressões faciais do Ernesto. Falar sobre a janela e a chuva.

m) Páginas 26-27

OR: Explorar os objetos próximos ao Ernesto e na mão dele, em seguida, a janela (que se repetirá nas páginas seguintes).

D: O que você vê?

E: E agora, o que o Ernesto está fazendo? Olhe o rosto de Ernesto, como você acha que ele está se sentindo?

I: Você conhece esses objetos que estão na imagem? Qual deles você já viu? Onde?



## n) Páginas 28-29 - Culpa

D: O que significa uma história acabar assim? Como acabou essa história? Você sabe o que é culpa?

E: O que o Ernesto está fazendo? Como você acha que ele está se sentindo? Você acha que alguém tem culpa por a história acabar desse jeito?

I: Se você fosse o Ernesto, gostaria que a história acabasse assim? Você já sentiu culpa em alguma situação?

OR: Explorar a mudança dos objetos em relação às páginas anteriores.

## o) Páginas 30-31 - Final triste

D: Lembra o que falamos sobre ser triste antes? O que é um final triste?

E: Para onde o Ernesto está olhando? O que você consegue me dizer sobre ele?

I: Você gostaria de ficar sabendo desse final? Se você pudesse mudar o fim da história, como seria?

OR: Explorar os elementos do ambiente e a posição do Ernesto.

## p) Páginas 32-33 - História inteira

I: Você concorda que a história inteira dele é triste? O que fez a história ser triste?

OR: Fazer uma recapitulação da história: No começo ele parecia triste?

A: Retornar às páginas iniciais para comparar expressões.

## q) Páginas 34-37 - “E você?” (Franco &amp; Lollo, 2016, p. 35).

A: Observe que nesse momento são explorados dois conjuntos de páginas. Pode-se fazer o movimento de folhear diversas vezes para a comparação sugerida.

D: Aguardar a resposta da criança ao questionamento do texto.

E: O que você nota de diferente entre essas duas páginas (34-35 e 36-37)? Por que você acha que as páginas mudam de cor? O que o Ernesto está fazendo em cada cena? E como ele está se sentindo? Como você percebeu isso?

I: Você já teve os mesmos sentimentos que o Ernesto? Consegue nomear esses sentimentos? Se você estivesse como ele, o que gostaria de ouvir?

Com quem você gostaria de estar?

OR: O que você diria para o Ernesto?

## r) Página 38-39 - Sobre os autores

OR: Quem você acha que são essas pessoas no canto da porta? Elas estão indo fazer o quê? Como você acha que elas estão se sentindo?

A: Fazer a leitura do texto sobre os autores. Investigar qualquer termo que a criança possa não conhecer e dar abertura para que ela fale sobre os que ela apresentar interesse.

D: Você sabe o que é um autor? Por que será que eles escreveram essa história?

E: Tem fotos suas que podem dizer sobre quem você é?

I: Você faz alguma dessas coisas que os autores do livro fazem? Se você tivesse escrito ou ilustrado esse livro, o que gostaria que tivessem escrito sobre você? O que dizem sobre você?

O momento *pós-leitura* permite que se avance sobre aspectos que emergem do contato com a obra. É possível que a criança continue manipulando o material, retornando e avançando sobre as páginas, de tal modo que se pode recorrer a estes movimentos para propor intervenções. Diante disso, sugerimos algumas perguntas norteadoras que podem ser utilizadas de acordo com o perfil do avaliando, podendo ainda ser ajustadas para produzir material para a avaliação.

1. Mensagem: Vamos escrever uma mensagem para o Ernesto? O que você acha de enviar uma carta, e-mail, WhatsApp etc para ele? O que você escreveria?
2. Desenho: Você acha que esse desenho foi feito pelo Ernesto ou foi alguém que desenhou ele? Você consegue desenhar o Ernesto?
3. Desenhos comparativos ou tabela de palavras: Trabalhar com desenhos “como eu me vejo” X “como dizem que eu sou”?
4. Lista: Vamos escrever algumas palavras sobre o que dizem de você? Quais você gosta e quais você não gosta?
5. Análise: O que você achou do final do livro? Como você gostaria de terminar o livro? Você gostaria de ler esse livro com alguém? Com quem?

Diante do uso de questionário aberto é preciso estabelecer mecanismos de análise baseados prioritariamente na abordagem teórica do avaliador. No entanto, alguns recursos podem facilitar esse procedimento: 1) transcrição e organização das respostas mais relevantes em categorias - a gravação pode ser necessária, devendo ser observadas as normativas éticas; 2) estabelecer categorias de resposta para o avaliando, tais como sentimentos comuns; relações interpessoais etc; 3) diante do conteúdo, avalie a consistência e as discrepâncias nas respostas, sentimentos e experiências relatadas pelo avaliando, tais como: ele consegue relatar experiências de tristeza, suas ou dos outros, quando o tema é abordado? É capaz de dar sentido ao nome dos sentimentos? Consegue identificar e reproduzir expressões faciais simbólicas e outros sinais?

Os resultados apresentados derivam do estudo extensivo da obra em consonância com as contribuições de teóricos do letramento e alfabetização e da avaliação de competências linguísticas, conforme apresentado. Ainda, a testagem foi realizada em diferentes situações individuais e grupais, com sujeitos de diferentes contextos e idades, possibilitando a formulação de perguntas e a atenção a elementos de modo mais amplo. Ainda que estruturado, o uso deste livro na API não precisa e não deve ser excessivamente rígido, mas adaptar-se à demanda, de modo a garantir um espaço lúdico, agradável e confortável para o avaliando, ajustando-se o vocabulário e as perguntas, de modo a acessar não apenas o universo subjetivo, mas coletar dados objetivos como conhecimento de mundo, reconhecimento de emoções, compreensão e conhecimento linguístico e fonológico e percepção visual.

## Discussão

Candido (1999) destaca que uma característica da literatura, dentre outras, é a capacidade de atuar como força transformadora do sujeito. As narrativas literárias, segundo Parente e Belmino (2016), conectam a realidade objetiva com o mundo simbólico. Neste sentido, permite que a criança, por exemplo, reconheça nas histórias os problemas e conflitos vividos, auxiliando-a a compreender o

mundo em que está inserida. Em relação aos livros infantis, pode-se destacar diversos benefícios, como a expressão de emoções intensas e frequentemente contraditórias, através de uma linguagem acessível à criança que perpassa a fantasia, a imaginação e o brincar (Parente & Belmino, 2016).

Tendo em vista as etapas específicas da Avaliação Psicológica Infantil, apontadas por Roza et al. (2022): orientações éticas, conhecimento sobre o desenvolvimento infantil e psicopatologia da infância, entendimento da criança em seu contexto, caráter preventivo, implicação da criança no processo de AP, *setting* avaliativo, fontes fundamentais e complementares de informação, entrevista inicial, entrevista devolutiva e entrada no universo infantil; o uso da literatura infantil neste cenário não possui um objetivo diagnóstico e, sim, mostra-se um meio de coleta de informações que podem ser utilizadas para complementar o processo avaliativo. Sendo assim, através de narrativas verbais e escritas, há a possibilidade de se atentar para habilidades inter-subjetivas e comunicacionais e ao desenvolvimento da autonomia da criança. Ademais, para analisadores concernentes à alfabetização e ao letramento, também cria a oportunidade de investigação no que diz respeito às faculdades cognitivas (Oliveira et al., 2023).

Dessa forma, dentre as possíveis aplicações da literatura infantil na API, podemos apontar: a habilidade de leitura da criança, a discussão de determinadas temáticas com a mesma, a análise das percepções em relação às atitudes dos personagens e à história do livro, questionamentos acerca da identificação com o livro, dentre outros (Roza et al., 2022). Ainda, Roza et al. (2022) destacam o uso das narrativas literárias enquanto recurso terapêutico, podendo auxiliar na obtenção de informações sobre questões socioemocionais como, por exemplo, reações emocionais e percepções de si, do outro e do ambiente.

Quanto às categorias utilizadas pela CASEL (2020) para contextualizar os aspectos socioemocionais e usados neste trabalho com o mesmo fim, faz-se necessária uma análise mais aprofundada de tais categorias, a aplicação delas em diferentes

casos e as problemáticas envolvendo sua conceitualização. Portanto, como mencionado anteriormente, estas são: o autoconhecimento, a autorregulação, a consciência social e a habilidade de relacionamento. O autoconhecimento é definido como a habilidade de entender suas próprias emoções, valores e comportamentos, colaborando assim com a compreensão dos mesmos aspectos em seus pares (Oliveira, 2023). Alguns dos modos de desenvolver tais habilidades envolvem a capacidade de identificar seus próprios sentimentos, demonstrar honestidade e integridade e desenvolver interesses e um senso de propósito (CASEL, 2020). Autorregulação diz respeito à capacidade de gerenciar suas emoções e comportamentos (Oliveira, 2023), identificando e utilizando estratégias de manejo de estresse e demonstrando iniciativa, autodisciplina e autogestão. A consciência social consiste das habilidades empáticas, sendo demonstrada pela capacidade de tomar as perspectivas dos outros, reconhecer seus pontos fortes e identificar normas sociais (CASEL, 2020). A habilidade de relacionamento se resume pela habilidade de criar e manter relações saudáveis (Oliveira, 2023), demonstrada pela comunicação eficaz, o trabalho em equipe e a resolução de conflitos de forma construtiva (CASEL, 2020). Vale destacar que a tomada de decisão responsável é a quinta categoria socioemocional definida por CASEL (2020), no entanto, para os objetivos desta pesquisa optamos por não incluí-la.

Sendo assim, é possível perceber que essa definição de socioemocional é permeada pelo contexto social e cultural que está inserida, visto que alguns quesitos, por exemplo, a identificação de normas sociais, são completamente variáveis em diferentes populações. A escolha dessa definição de socioemocional também diz respeito ao uso do termo no presente trabalho, visto que não existe um consenso quanto à utilização do conceito e há uma amplitude de sentidos dados a essa palavra (Marin et al., 2017; Oliveira, 2023).

Além disso, é reconhecida a problemática envolvendo a ideia de socioemocional, que se relaciona muitas vezes com a perspectiva de que existe um

jeito adequado, ideal e esperado de se sentir e portar (Oliveira, 2023). Em alguns contextos o uso de “desenvolvimento socioemocional” pressupõe, erroneamente, que existe um nível máximo absoluto de competência socioemocional ao qual se deve almejar, ideia essa que não se relaciona com a proposta deste artigo.

Para a construção do tutorial, apresentado no tópico anterior pelas autoras, utilizamos dos seguintes conceitos: as especificidades da API (Roza et al., 2022), as aplicações da literatura infantil neste cenário (Oliveira, et al., 2023) e a definição do constructo socioemocional (Marin et al., 2017; CASEL, 2020). Ademais, mediante os conceitos apontados acima, vale ressaltar que a construção deste material não foi pensada como forma de testagem e que esta proposta ainda carece de experiência prática documentada de aplicação. Para tal feito, foi dividido em suas três categorias: a *pré-leitura*, a *leitura propriamente dita* e a *pós-leitura*. Categorias estas que, para a investigação de demandas socioemocionais, utilizaram-se da análise dos aspectos verbais, como o texto escrito, os elementos não verbais e os aspectos criativos do universo infantil, investigando a partir destes a interpretação e a compreensão da criança diante da leitura.

## Considerações

Este trabalho buscou mostrar a relação entre a literatura infantil e a prática de avaliação psicológica, realizada pelo profissional de Psicologia, através de uma sugestão de aplicação com um livro específico, o “Ernesto” (Franco & Lollo, 2016). O referencial teórico utilizado para este estudo foi a partir da perspectiva de CASEL (2020) sobre o constructo socioemocional, pois, como foi sustentado, torna-se um importante motivo de busca para avaliações infantis. Articula-se também com a área da Psicopedagogia, em função da proposta ter o potencial de ser ampliada à investigação de problemas de aprendizagem e sua relação com componentes emocionais (Bartholomeu et al., 2006; Fonseca, 2016; Dias et al., 2022). E, ainda, para a avaliação dos

aspectos linguísticos, das concepções de processos de leitura; estágios de desenvolvimento (Solé, 2014; Ferreira & Teberosky, 1999) e aplicações destes conceitos à avaliação (Salvia, et al., 2009), de modo que se buscou ampliar o repertório de recursos avaliativos do profissional.

Apesar de oferecer uma sugestão de prática no formato de tutorial, com perguntas direcionadas, este não se esgota nos itens apresentados. Pelo contrário, incentiva-se que outros questionamentos sejam feitos à criança. É interessante ressaltar que, como sugestão, o tutorial deve ser percebido pelo profissional como incompleto e não ser seguido à risca, pois isso levaria a um engessamento da prática. Entende-se que o livro infantil permite a abertura ao diálogo e que o profissional deve estar atento aos novos elementos, para além daqueles presentes no tutorial, que a criança pode perceber em cada página, tanto das ilustrações como do texto em si. Recomenda-se observar as reações emocionais e as relações que ela estabelece com suas vivências, idealizações, identificações e oposições. Por isso, o livro “Ernesto” é apenas um exemplo de como o recurso literário pode ser rico para explorar os diferentes aspectos que compõem o socioemocional, podendo-se estender essa proposta a outros materiais literários.

Este trabalho foi escrito como parte de uma investigação de um grupo de pesquisa na Universidade Federal Fluminense, *campus* Rio das Ostras, e tem sido alvo de pré-testes em crianças que buscam por avaliação psicológica. Ressalta-se que o uso deste recurso deve ser entendido como uma técnica intensa de investigação, mas respeitando os limites emocionais colocados pela criança, como pontos mais sensíveis sentidos por ela. Também é mister destacar que não é o objetivo desta pesquisa elaborar uma análise e interpretação padronizada, como são os testes psicológicos (Damásio & Borsa, 2017). De todo modo, ainda como estratégia investigativa, carece de dados empíricos que possam trazer um conhecimento mais estruturado nesta área, o que é o objetivo deste grupo futuramente.

## Referências

- Bartholomeu, D., Sisto, F. F., & Rueda, F. J. M. (2006). Dificuldades de aprendizagem na escrita e características emocionais de crianças, 2006. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 139-146. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000100016>
- Borges, L., & Baptista, M. N. (2018). Avaliação psicológica e psicoterapia na infância. In M. Lins, M. Muniz, & L. Cardoso (Org.), *Avaliação Psicológica Infantil* (pp. 71-90). Hogrefe.
- Brasil. Base Comum Curricular. (2021). *Competências socioemocionais como fator de proteção à saúde mental e ao bullying*. Caderno de práticas - Base Comum Curricular. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/195-competencias-socioemocionais-como-fator-de-protacao-a-saude-mental-e-ao-bullying?highlight=WyJzb2Npb2Vtb2Np b25hbCJd>
- Candido, A. (1999). A literatura e a formação do homem. *Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária*, (n. 1.), 81-89. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>
- Collaborative for Academic, Social and Emotional Learning (CASEL). (2020). *CASEL'S SEL FRAMEWORK: What Are the Core Competence Areas and Where Are They Promoted?* <https://casel.org/casel-sel-framework-11-2020/?view=true>
- Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning (CASEL). (2018). *What is SEL? - Casel Schoolguide*. <https://schoolguide.casel.org/what-is-sel/what-is-sel/>
- Companhia das Letras (2022). *Ernesto*. <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788574066998/ernesto>
- Conselho Federal de Psicologia. (CFP). (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia. (CFP). (2022a). *Resolução do Exercício Profissional Nº 31/2022*. <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-31-2022-estabelece-diretrizes-para-a-realizacao-de-avaliacao-psicologica-no-exercicio-profissional-da-psicologa-e-do-psicologo-regulamenta-o-sistema-de-avaliacao-de-testes-psicologicos-satepsi-e-revoga-a-resolucao-cfp-no-09-2018?origin=instituicao&q=31/2022>
- Conselho Federal de Psicologia. (CFP). (2022b). *Cartilha Avaliação Psicológica*. [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/08/cartilha\\_avaliacao\\_psicologica-2309.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/08/cartilha_avaliacao_psicologica-2309.pdf)
- Damásio, B. F., & Borsa, J. C. (2017). *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos*. Vetor.
- Damásio, B. F. (2017). Mensurando habilidades socioemocionais de crianças e adolescentes: desenvolvimento e validação de uma bateria (nota técnica). *Temas em Psicologia*, 25(4), 2043-2050. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2017.4-24Pt>

- Dias, T. A., Souza, C. R., & Bravo, R. B. (2022). Inteligência emocional e seus impactos na aprendizagem escolar. *Revista Panorâmica Online*, 36. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1528>
- Escola da Inteligência. (EI) (2023). *Sobre o EI*. <https://escoladainteligencia.com.br/sobre-a-ei/>
- Fava, D. C., Andretta, I., & Marin, A. H. (2023). Assessment of the intervention process with teacher to prevent children behavior problems. *Estudos de Psicologia*, 40, e210002. <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/RVWXmjFJmX6Wf7PGfxp6ZFm/#>
- Ferreiro, E., & Teberosky, A. (1999). *Psicogênese da língua escrita*. Artmed.
- Fonseca, V. (2016). Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. *Revista Psicopedagogia*, 33(102), 365-384. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&tlng=pt)
- Franco, B., & Lollo, J. C. (2016). *Manual do Professor: Ernesto*. Fontanar. <https://www.calameo.com/read/005653240b6a002b4c214?authid=60CMcqBq1xg>
- Garimpo Miúdo. (2016). *Ernesto: uma ode à empatia e à diferença*. <https://www.garimpomiudo.com/single-post/2016/05/23/ernesto-uma-ode-%C3%A0-empatia-e-%C3%A0-diferen%C3%A7a-1>
- Laboratório de inteligência da vida. (LIV). (n.d.). *O que é LIV?* <https://www.inteligenciadevida.com.br/pt/o-que-e-liv/>
- Lins, M., Muniz, M., & Cardoso, L. (2018). *Avaliação Psicológica Infantil*. Hogrefe.
- Mansur-Alves, M., Gomes, C. M. A., Peixoto, C. B., Bocardí M. B., Diniz M. L. N., Freitas S. K. P., Pereira E. G.; Alvares-Teodoro J., Ribeiro P. C. C., & Teodoro M. L. M. (2021). A longitudinal model for psychological distress in the COVID-19 crisis among Brazilian graduate students. *Psico*, 52(3), 1-15. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2021.3.41332>
- Marin, A. H., Silva, C. T., Andrade, E. I. D., Bernardes, J., & Fava, D. C. (2017). Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 13(2), 92-103. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20170014>
- Oliveira, R. D., Ribeiro, N. M., Macedo, L. X., Roza, J. A. G., Silva, L. H., & Victoria, M. S. (2023). O uso de narrativas literárias na prática de avaliação psicológica infantil. *Revista DESidades*, 36(11), 95-112. <https://desidades.ufrj.br/artigo/o-uso-de-narrativas-literarias-na-pratica-de-avaliacao-psicologica-infantil/>
- Oliveira, R. D. (2023). *Socioemocional: Um estudo sobre modos de manifestação e evolução histórica do uso do termo*. [Trabalho de conclusão de curso, Instituto de Humanidades e Saúde, Universidade Federal Fluminense].
- Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. [OCDE]. (2015). *Estudos da OCDE sobre competências: Competências para o progresso social: O poder das competências socioemocionais*. Fundação Santillana. <https://www.opee.com.br/competencias-para-o-progresso-social/>
- Parente, A. F. V., & Belmino, T. L. P. (2016). A importância da contação de histórias na clínica gestáltica infantil. *Cadernos de Cultura e Ciência*, 16(1), 84-99. <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/cadernos/article/viewFile/1467/1127>
- PNLD Literário (2018). *Ernesto*. Fontanar. <https://www.editorafontanar.com.br/pnld2018/ernesto>
- Roza, J. A. G., Silva, L. H., Macedo, L. X., Albuquerque, N. G., Oliveira, R. D., & Victoria, M. S. (2022). Avaliação Psicológica Infantil (API). *Revista AMAZônica*, 15(2), 343-382. <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/10265/7547>
- Salvia, J., Ysseldyke, J., & Bolt, S. (2009). *Assessment: In Special and Inclusive Education*. Wadsworth Publishing.
- Silva, R. L. M., & Rodrigues, M. C. (2014). Atendimento à queixa escolar: experiência do projeto Seape no Centro de Psicologia Aplicada da UFJF. *Psicologia em Revista*, 20(3), 479-493. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1677-11682014000300005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-11682014000300005)
- Solé, I. (2014). *Estratégias de Leitura*. Penso.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos de licença Creative Commons.

## Correspondência

Lais Marlene Miranda Franca  
Rua Niterói, s/nº, apto 101- Jardim Bela Vista - Rio das  
Ostras, RJ, Brasil - CEP 28895-544  
E-mail: laisfranca@id.uff.br